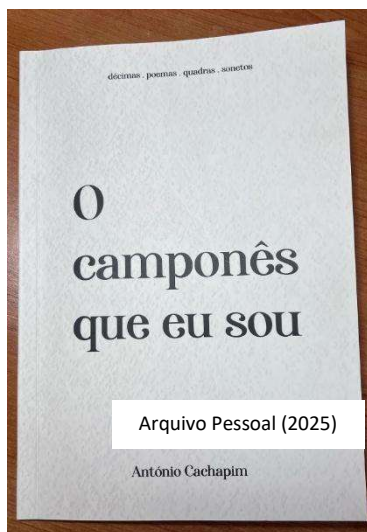


Recensão

Aprender a olhar a paisagem através da poesia popular

Recensão do livro *O Camponês que eu sou*, de António Cachapim



A temática invocada para o nº 49 da Revista *Aprender – Vida, património e territorialidades* – leva-nos a pensar como os processos de ensino e de aprendizagem estão amplamente relacionados com a forma de a Escola e a Educação trabalharem tempos e espaços diferenciados. Neste último domínio, invoca-se a dimensão multiescalar dos conteúdos, ao se abordarem estudos de caso internacionais, do país, de regiões e dos lugares em que habitamos, pelo que é essencial que o/a Professor/a perceba como funcionam as quotidianidades e os espaços vividos pelas/os estudantes. É por isso que a escala local tem uma importância fundamental, por funcionar como referência geográfica de partida para o estudo de diversas áreas de conhecimento.

Página | 138

É importante olhar em redor e perceber as subtilidades que fazem parte da natureza dos territórios, que se refletem na paisagem e na forma de viver das comunidades que compõem a identidade do próprio ecossistema escolar. Nesse sentido, a cultura pode dar-nos muitas pistas, com utilidade pedagógico-didática, ao ser ela própria uma resposta dos indivíduos ao meio, uma transposição pensada sobre os reflexos sociais, económicos e políticos de uma época e de um espaço que inspira o/a criador/a a uma reflexão atenta, sensível e profunda de algo que vai além da espuma dos dias. Entre outras expressões artísticas, destaque-se a Poesia como reflexo de tempo(s), de lugar(es) e de pessoa(s), ao ser uma arte capaz de dar ao/a Professor/a instrumentos de trabalho pedagógico-didáticos, levando as/os estudantes a pensar além dos aspetos técnicos e sistemáticos dos conteúdos, isto é, e acima de tudo, fazê-lo com base em princípios de elevada beleza e sensibilidade.

Por isso trago o exemplo da obra *O Camponês que eu sou*, de António Cachapim, uma edição de autor publicada em 2025. Nascido em Arronches, mas a residir em Campo Maior, António Cachapim sempre trabalhou na agricultura, em estreito contacto com a natureza. Foi na observação dos ciclos anuais das colheitas, das rotinas dos animais, dos estados do tempo e das tarefas agrícolas que este poeta se inspirou para escrever grande parte dos seus poemas. Com grande sensibilidade artística e intuição poética,



descreve de forma precisa as alterações cronotópicas da paisagem alentejana, tendo por base a experiência de vida.

Invocando alguns exemplos presentes no livro, podem ler-se poemas de grande interesse para disciplinas do Ensino Básico e Secundário, em que sejam abordados temas relacionados com a paisagem, os solos, as atividades económicas ou o ambiente, entre outros. É o caso do poema “Alentejo Valente”, no qual o poeta se refere ao declínio da plantação cerealífera [(...) *Alentejo campo aberto / (...) És o celeiro da nação / (...) Já perdeste a tradição / De lavrar com primazia (...)*]. Noutro caso – “Olival” – o autor fala n’*“Este olival que risquei”*, referindo-se à plantação em si, e na técnica usada [*“um trabalho de paciência”*], assim como nos elementos incluídos na paisagem (pedras, ribeira, monte, etc.), o que pode funcionar como mote à discussão entre a agricultura tradicional extensiva e a agricultura moderna intensiva, com as consequentes repercussões na morfologia da paisagem e no uso do solo. Noutro exemplo – “As Fontes” – António Cachapim trata o tema da água e da irregularidade dos recursos hídricos no sul do país [*Já bebi em muitas fontes / que faz tempo que secaram / (...) Essa água que é bendita / Desde o céu rega os campos / Faz a paisagem bonita (...)*]. Muitos outros exemplos estão patentes nos 56 poemas que compõem este livro.

António Cachapim revela como a Poesia Popular se pode constituir como um recurso de grande valor para a Escola, ao reter detalhes sensíveis de modos de vida locais, cuja natureza de síntese permite depurar a informação menos relevante e destacar o fundamental do processo. Olhemos para quem está à nossa volta, em busca de mais autoras/es de poesia popular ou de expressões artísticas análogas, com obras que se poderão colocar ao dispor do Ensino, tornando as aprendizagens mais significativas e gratificantes.

Bibliografia

Cachapim, António (2025). *O Camponês que eu sou*. Edição de autor, Campo Maior.

Notas sobre a autora:

Fátima Velez de Castro

velezcastro@fl.uc.pt

Universidade de Coimbra, CEIS20, RISCOS

<https://orcid.org/0000-0003-3927-0748>